

Água pura, bichos, plantas, índios. Dentro de São Paulo

É a região de 250 km² do Capivari-Monos, na zona sul, que vai ser transformada na primeira Área de Proteção Ambiental municipal. Por **Lygia Rebello**

Localizada no extremo sul da cidade, a 55 quilômetros do centro, a região de Capivari-Monos está prestes a se tornar a primeira Área de Preservação Ambiental (APA) da cidade de São Paulo.

Com parte do terreno ocupada por loteamentos clandestinos, casas simples localizadas em ruas de terra e habitadas por famílias de baixa renda, o bairro conserva uma das últimas áreas verdes da cidade.

No local onde deverá ser criada a APA há comunidades urbanas, rurais e três reservas indígenas guarani (Krucutu, Morro da Saudade e Rio Branco). A área tem cerca de 250 quilômetros quadrados de área, quase 1/6 do município.

A região é desconhecida pela maioria dos cidadãos paulistanos. "A vegetação, formada por pequenas áreas de mata primária (10% da área) e campos, é cercada por grandes extensões de mata secundária em diferentes estágios de regeneração", explica Maria Leticia de Souza Paraiso, engenheira agrônoma da Seção de Unidades de Conservação da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente.

Maria Leticia conta que já foi comprovada a influência da região no clima da cidade. "A área é importante para a água, clima e biodiversidade de São Paulo. Faz parte da Área de Proteção de Mananciais", ela ressalta.

O território é rico em flores, especialmente bromélias e orquídeas. "Estas espécies são bons indicadores de áreas preservadas, ainda intactas", conta a engenheira agrônoma. Muitas delas, porém estão em vias de extinção por causa da extração ilegal.

"Biólogos do Herbário Municipal já encontraram várias espécies de bromélias, algumas até consideradas em extinção, como o caso da palmeira *Lytocaryum hoehnei*."

Água cristalina

Dentro da futura APA há várias cachoeiras e rios. A região abrange toda a bacia hidrográfica do Capivari-Monos e parte das bacias do Guarapiranga e da Billings. Parte das águas do Rio Capivari são revertidas para o reservatório Guarapiranga. A APA abriga também as cabeceiras do rio Embu Guaçu, maior formador do reservató-

rio Guarapiranga.

"Já tem gente da zona sul bebendo água do Rio Capivari", afirma Cleber Evangelista, de 17 anos, presidente da Olhos da Mata, organização não-governamental que faz trabalhos de conscientização ecológica na região.

O nome da região revela a presença de animais. "Capivari-Monos é uma alusão às capivaras e macacos que existem na região", conta Rodrigues.

Segundo dados da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, já foi registrada a presença de animais como o pavão-do-mato, araponga, lontra, anta, mão-pelada (conhecido como cachorro-do-mato), quati, macacos e até onça, além de várias espécies de pássaros, muitos deles ameaçados de extinção.

"Encontramos vestígios de onça-parda, que pode chegar a pesar 100 quilos", conta Maria Leticia.

"O mais interessante desta descoberta é que a onça é um indicio de que o equilíbrio ecológico ainda existe, pois ela é o topo da cadeia alimentar naquele território."

Consciência ecológica

A proposta de transformação da área em APA não é novidade. O problema vem sendo discutido pela Olhos da Mata desde 1989, quando a entidade foi fundada.

Constituída, em sua maioria, por jovens da comunidade local com idade entre 15 e 21 anos, a ONG oferece cursos e palestras sobre reciclagem e preservação ambiental.

Os moradores da região, que já participaram de cursos de reciclagem e ecoturismo, agora vêm tendo aulas sobre viveiros e agricultura orgânica.

"A população está sendo informada sobre a questão ecológica, mas nosso maior problema é a atividade predatória de turistas e o tráfico ilegal de bromélias e orquídeas", comenta Rodrigues.

Os 22 monitores da Olhos da Mata temem que a divulgação de Capivari-Monos como uma das últimas áreas verdes possa atrair mais turistas indiferentes à causa da preservação.

"Não temos problemas com os turistas. Sua presença é muito bem-vinda para a nossa região, contanto que não eles não joguem lixo, não tragam drogas para a região e não destruam a área verde, como vêm fazendo até agora", diz David Souza de Oliveira, um dos conselheiros da ONG.

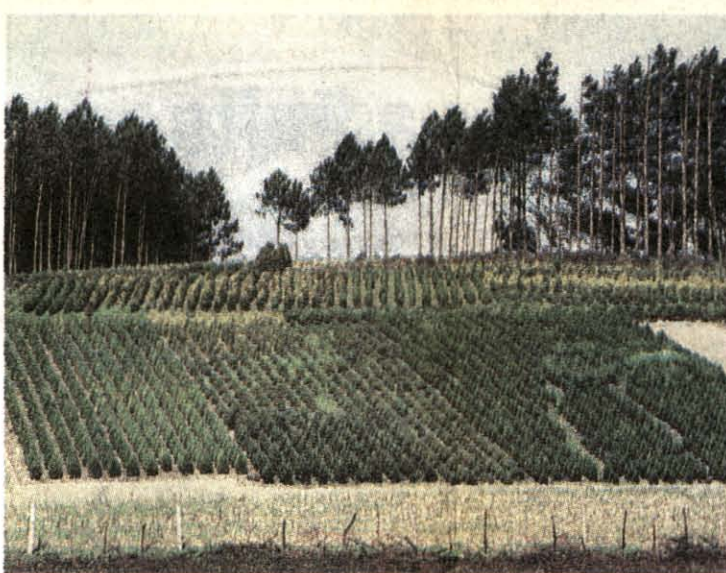
Segundo dados da Olhos da Mata, no feriados chegam a visitar a área cerca de três mil pessoas. "Mas a maioria não tem consciência de preservação." O grupo oferece o serviço de guia para passeios ecoturísticos. (Tel.: 5977-0010)



CENÁRIO BUCÓLICO: moradores usam represas para pescaria. Segundo presidente de ONG da região, muitos bebem a água do Rio Capivari



Fonte: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente



REGENERAÇÃO: na área que foi desmatada, uma plantação de tuias



O índio Valdelino Guarani lembra que sua tribo está lutando há tempos contra o desmatamento

Burocracia não desanima ativistas

Com a criação da APA, seria necessário a criação de um conselho gestor, formado por representantes da Prefeitura, de ONGs e da sociedade civil. Sua função seria criar programas para área. Porém, com a demora da votação, algumas iniciativas já estão sendo tomadas, como cursos de educação ambiental e turismo ecológico.

"Foi criado um Pró-Conselho Gestor para discutir alguns projetos", confirma Maria Leticia Souza Paraiso, agrônoma da Secretaria do Verde. A aprovação do projeto de lei 412/98, criado em 98, que pretende transformar a região em APA, está parado na Câmara Municipal.

"Temos medo de que o processo se prolongue ainda mais se não for votado nesta gestão", destaca Cleber Evangelista Rodrigues, presidente da Olhos da Mata. A ONG acredita que com o projeto, e com os melhoramentos na região, a área possa se tornar turística. Assim, diz ele, grande parte da população, que perdeu o emprego com a privatização da Estrada de Ferro Sorocabana, poderá voltar a trabalhar.

A assessoria de imprensa da Presidência da Câmara Municipal afirma que não há previsão para o projeto ser votado antes do segundo turno das eleições. A cidade de São Paulo já possui duas outras APAs - a do Carmo e a da várzea do Tietê. Ambas, porém, pertencem ao Estado.



TRIBO PAULISTANA: índios guaranis apóiam criação da APA

Entre os moradores, incertezas

Desinformados, eles temem que suas casas sejam desapropriadas. Mas a Secretaria do Verde diz que a região terá benefícios

A população local não sabe ao certo o que está acontecendo, mas a preocupação maior é saber se será preciso abandonar o local. "Estou sabendo por cima, pois escuto as pessoas comentando. So que ninguém sabe explicar direito o que é esse negócio de proteção ambiental", comenta o comerciante Mário Hengler, de 40 anos.

"Minha mãe já viu os meninos da Olhos da Mata plantando algumas mudas. Este tipo de atitude é muito importante, pois esta região é uma das poucas áreas verdes de São Paulo," diz Hengler.

A Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente assegura que a transformação de Capivari-Monos em APA não deve prejudicar a vida de quem mora na região.

"Pouca coisa vai mudar para os moradores, pois, sendo uma área de proteção aos mananciais, já existem certos regulamentos para a preserva-

ção ambiental sob responsabilidade do governo estadual", justifica Maria Leticia Souza Paraiso, da Secretaria do Verde e Meio Ambiente.

Mudar para proteger

A engenheira agrônoma explica que a mudança será acompanhada por critérios. "Ao contrário do que ocorre nos parques públicos, o uso dos recursos naturais não é proibido, mas orientado. Não é exigida a desapropriação das terras, mas são estabelecidas regras para viabilizar a proteção da natureza."

Na Olhos da Mata, o discurso é o mesmo. "Sabemos que a maior preocupação das pessoas é com a desapropriação. Mas nos garantiram que isso não ocorrerá", afirma David Souza de Oliveira, de 16 anos, conselheiro da ONG. Os integrantes da organização acreditam que a comunidade sabe o que está acontecendo.

Quase todas as construções na região, principalmente em Barragem e Marsilac, foram feitas em loteamentos clandestinos. "A Prefeitura não vem fiscalizar, não temos sistema de esgoto, nem de retirada e depósito de lixo", reclama Cleber Evangelista, presidente da Olhos da Mata.

A engenheira Maria Leticia acredita que, com a decisão, a região passará a ser mais lembrada Prefeitura. "Com a mudança, os moradores só tem a ganhar. A transformação só trará benefícios", conclui.

Os índios do Morro da Saudade, em Barragem, torcem para que o projeto se concretize. "O lugar mudou muito, e para pior. Seria melhor mesmo se tivesse algum tipo de proteção

ambiental. As pessoas matam tudo para construir casas. Quanto mais longe das casas, mais animais a gente vê", diz o guarani Nelson Soares, de 19 anos. Valdelino Guarani, de 38 anos, presidente do Instituto Tekorandu, que desenvolve trabalho sociais na aldeia, conta que desde que o grupo se instalou no local seus líderes vêm lutando, em vão, para evitar o desmatamento.



OUTRO LADO: apesar do verde, região tem os problemas da periferia